



# Chope, canapés e guarda-sóis

O píer estava todo decorado com lanternas japonesas. Garçons de uniforme, músicos de gravata e convidados em traje esporte fino.

Duas torneiras de chope refrescavam as goelas secas no calor da tarde. Canapés de gorgonzola e damasco circulavam entre as mesas protegidas por guarda-sóis. Era uma festa da grã-finagem no Lago Paranoá.

Fui parar ali por acaso, por acidente. Tive que socorrer o guitarrista da banda, que é meu amigo. Alguém ligou o amplificador do coitado direto na tomada, sem transformador. O cheiro de queimado subiu foi ligeiro.

Minha missão era levar um equipamento de reserva para ele. Só isso. Mas fui ficando, ficando... Até fazer por merecer o título de penetra.

Os tênis surrados, a calça jeans e a camiseta da Mafalda denunciavam minha condição de intruso no clube. Fiquei ali no cantinho, escondido atrás do palco. Um dos garçons se compadeceu da minha clandestinidade e desviou umas tulipas geladas, uns pratinhos com acepipes. Atendimento de primeira.

Lá pelas tantas, o Sol cutucou meus ombros como quem diz:

— Ei, moço! Olha eu aqui atrás de você!

Olhei e... Que vista! O brilho avermelhado de agosto tingia um céu azul sem nuvens.

Lá longe, um verde-musgo pintava as montanhas de Sobradinho. Mais para cá, as marolas do lago — como cacos de um enorme espelho quebrado — embaralhavam reflexos de todas as cores.

Eu devaneava nessas metáforas de gosto duvidoso quando uma voz me despertou:

— Estica a tarrafa aí, meu filho.

A ordem vinha de algum lugar embaixo dos meus pés. Por entre as tábuas do píer, vi uma dupla metida na água do lago até a cintura.



maure

Encurvados sobre uma pequena rede de pesca, pai e filho peneiravam o Paranoá em busca de iguarias lacustres. Eu me agachei e, por uma fresta, puxei assunto:

— É piaba, amigo?

— Nada... É camarão — respondeu o pai, sem olhar para cima.

Confesso minha crustácea ignorância: eu nem sabia que existia camarão de água doce.

Criado na beira da praia, sempre achei que o bicho já saía do mar temperado de sal direto para a caçarola da gente.

Sem pressa, a dupla arrastava a tarrafa suavemente para frente e para trás. Um balé, uma paciente coreografia de ir e vir. Depois de uns minutos nessa dança, pai e filho deixaram o subsolo do píer e apareceram em lago aberto — a rede repleta de pequenas gambas cor de âmbar.

— Vou levar para a vó ir fervendo — disse o menino.

Enquanto ele se afastava, o pai me perguntou:

— É aniversário aí?

— Rapaz, eu nem sei...

— Esse meu filho faz 15 anos hoje. A gente veio comemorar — ele disse.

Com um movimento de cabeça, o homem apontou para o alambrado que separa o clube do resto do mundo. No terreno baldio ao lado,

casais em roupas de banho riam sobre um lençol esticado na terra vermelha. Uma Belina estacionada de ré tinha o porta-malas cheio de comida. A avó magrinha pilotava o fogareiro com a panela de camarão. Na água fria do lago, a corriola adolescente se esbaldava em brincadeiras de agarrado.

— O senhor tem só esse menino? — perguntei.

— Tenho é três. Olha o mais novo ali no peito da mãe.

O homem se despediu com um sorriso e abriu caminho entre as águas para reencontrar a família. De volta à festa no píer, vi todos aqueles garçons de uniforme, músicos de gravata, convidados em esporte fino. Cenhos franzidos, maquiagens derretidas, rodela de suor embaixo dos sovacos. Grã-finos no bafo, como os camarões na panela da avó.

Fiquei compadecido, mas fui embora. Na saída do clube, virei à esquerda na contramão e encostei meu carro ao lado da Belina. O pai do aniversariante me viu de longe e veio me receber com uma latinha de cerveja do isopor. Retribuí a gentileza com uns deliciosos canapés de gorgonzola.

**Dante Accioly é jornalista**